



O Grupo de Eleitos:

relações de honra e vergonha na comunidade paulina de Corinto

Juliana B.Cavalcanti¹

Submetido em Dezembro/2013

Aceito em Dezembro/2013

RESUMO:

O presente artigo visa à luz do sistema de honra e vergonha (Pitt-Rivers) refletir sobre a categoria ‘eleitos’ no contexto de estruturação do projeto paulino. A categoria ‘eleitos’ emerge como distinta da alegoria ‘mundo’ que neste sentido, representa o projeto que é oposto ao de Paulo: o projeto imperial. Todavia, veremos que a definição apresentada por Paulo a ‘mundo’, poderia incorporar também membros que apesar de estarem no interior da comunidade cristã coríntia, estariam na perspectiva de Paulo se distanciando de seu projeto marcadamente anti-imperialista.

Palavras-chaves: Coríntios - Honra e Vergonha - Império Romano - Paulo.

ABSTRACT:

This article aims the light of honor and shame system (Pitt-Rivers) reflect on the 'elected' category in the context of structuring the Pauline project. The 'elected' emerges as a distinct category of allegory 'world' in this sense, is the project that is opposed to Paul: the imperial project. However, we see that the definition presented by Paul 'world', could also incorporate members who despite being within the Corinthian Christian community would be the perspective of Paul shunning their markedly anti-imperialist project.

Keywords: Corinthians - Honor and Shame - Roman Empire - Paul.

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada da UFRJ. Graduada em história pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6770181406770057>

¹ É válido chamar atenção para o fato de que as tensões apontadas por Paulo em meados do século I EC, período em que a carta foi produzida, não são resolvidos. Eles são também sinalizados por Clemente que por volta de finais do século I EC a início do século II EC escreve uma carta a esta mesma comunidade.



Introdução:

No século I EC a comunidade paulina de Corinto estava permeada em rivalidades.² Dado este comprovado mais explicitamente na abertura da primeira epístola aos coríntios. Em 1 Cor 1: 10-12 é expresso de forma mais explícita estas rivalidades onde o remetente, Paulo, questiona a existência de diferentes grupos existentes no interior dessa comunidade. Onde alguns apoiariam o próprio Paulo e outros a Apolo, a Cefas ou a Cristo.³

Ao refutar sobre estes partidos mais do que tentar buscar a unidade na comunidade o autor da carta levanta debates sobre sua proposta de Reino de Deus criando duas categorias os ‘eleitos’ e o ‘mundo’. Onde todo aquele que se enquadrasse a sua proposta seria um ‘eleito’ e aquele que estive fora, estaria automaticamente no grupo do ‘mundo’. ‘Mundo’ enquanto categoria, como veremos, deve ser compreendida como o Império Romano e todo o seu projeto de estruturação e organização político-social. Mas também todo o membro da comunidade coríntia que não seguisse a plataforma política paulina. O que significa dizer que estas categorias eram mais fluidas do que poderiam aparentar numa análise superficial e/ou fundamentalista.

Neste sentido, a partir da leitura da perícopes acima citada o que se perceberá é que este elemento é tão latente que ele acaba também por ser o grande fomentador para que Paulo redigisse a carta e explicitasse seu projeto de Reino de Deus. Para compreender melhor estas tensões e a estruturação em si das casas-igrejas de Corinto o conceito honra e vergonha apresentado por Pitt-Rivers (1988) nos será central.

Sendo a definição da mesma o primeiro ponto do presente artigo. Após a apresentação do conceito partiremos a aplicação deste e as implicações percebidas na comunidade coríntia. Conjuntamente com uma análise comparativa do trabalho de

² É válido chamar atenção para o fato de que as tensões apontadas por Paulo em meados do século I EC, período em que a carta foi produzida, não são resolvidos. Eles são também sinalizados por Clemente que por volta de finais do século I EC a início do século II EC escreve uma carta a esta mesma comunidade.

³ É como que se chame atenção ao fato de que este Cristo é um elemento de forte debate nos estudos sobre a primeira epístola aos coríntios. Estudiosos como Murphy-O’Connor (2007:79) optam por ler Cristo como uma referência aos Jesus ressuscitado outros como Fitzmyer (2008:101-103) admitem as duas possibilidades, muito embora tendam a acreditar mais na possibilidade de um indivíduo chamado Cristo. Neste artigo, adotaremos a ideia de Fitzmyer onde se acredita que havia uma liderança intitulada de Cristo. Dado que a ideia de um indivíduo intitulado desta forma contribui para a compreensão das disputas de poder instaurada nas casas-igrejas de Corinto.



Peristiany que aplica o conceito de honra e vergonha numa aldeia cipriota de montanha. Esta comparação é relevante para se perceber a persistência destes valores na mentalidade da sociedade mediterrânica. Bem como são elementos norteadores para a estruturação destas comunidades.

Honra e Vergonha, uma possível leitura:

Antes de adentrarmos ao tema proposto neste artigo, se faz necessário a definição do conceito norteador para a leitura comparativa entre o mundo romano e a comunidade paulina de Corinto. Fala-se na relação de honra e vergonha.

Pitt-Rivers (1988) afirma que o conceito de honra e vergonha é resultante de um processo de mão dupla, estabelecido entre o indivíduo e a sociedade a qual este pertence. Em outras palavras, estes valores são oriundos de avaliações sociais, reflexos da personalidade social no campo das ideias de uma determinada sociedade. O que implica dizer que tanto a honra quanto à vergonha atuam como forma de normalizar a conduta social de cada indivíduo na sociedade na qual ele está inserido.

A estruturação do processo de obtenção de honra se dá por intermédio da lógica: “honra que se sente é honra que se reivindica e honra reivindicada transforma-se em honra recebida” (PITT-RIVERS, 1996:14). A não realização de uma destas etapas significa que o indivíduo não detém honra e quem não detém honra automaticamente está na condição de desonra. A vergonha, por sua vez, provém das ações alheias com a recusa da honra, e é sentida pelo indivíduo. Desta forma, honra e vergonha são valores complementares, indicando a posição social de cada pessoa e grupo a qual esta mesma pessoa integra.

Além disso, a estruturação do processo se dá por intermédio do julgamento, em que aqueles que se conformam são premiados e a punição para aqueles que transgridem a regra. O que implica dizer que a honra não é necessariamente igual às titulações concedidas por uma autoridade política (rei/imperador). Ela está muito mais ligada ao prestígio social que é reconhecida no estabelecimento da precedência. Como ilustra Pitt-Rivers que o filho sempre deveria estar numa posição abaixo a do pai. E mesmo depois de casado, o filho acaba por ocupar um estamento abaixo a de seu pai. Sendo esta postura reconhecida como honrosa para ambos (PITT-RIVERS, 1996: 31).



Desta maneira, estes elementos são fruto das afinidades entre culturas, e são eles, ainda, que orientam os indivíduos destes mesmos grupos para os papéis a serem desempenhados por cada indivíduo a partir dos sexos. A comparação estabelecida é de homem-mulher, seguida de suas seguidas analogias explicativas e bem como às diferenças.

As justificativas destas regras também se demonstram bastante fluidas, à medida que, elas tendem a atender os interesses do grupo que interage para a manutenção e perpetuação destas avaliações sociais. Assim, estes valores também estavam ligados ao estamento que a pessoa pertencia. Uma mulher, por exemplo, poderia ter participação na vida pública desde que detivesse vias econômicas para isto. Esta sua postura ao contrário do que possa se pensar primariamente não era vergonhosa, mas honrosa para estas mulheres. Se não detivesse posses a lógica era aplicada de modo inverso. Acaba por ser desonrosa a mulher que atua e/ou se expõe no espaço público, seu lugar é o ambiente privado (o interior da casa).

Na cidade de Corinto, os elementos honra e vergonha também enquadravam as relações entre os indivíduos da mesma. De forma a implicar no reconhecimento ou não local dos indivíduos daquela mesma região. Engels (1990) nos relata que a elite coríntia costumava a patrocinar obras públicas, banquetes e jogos.⁴

Estes jogos, banquetes e obras tinham por finalidade não só promover o reconhecimento da elite frente à população coríntia, mas também possibilitava promover o reconhecimento do Império Romano deste estamento como elite local. Este reconhecimento por parte do Império proporcionava a elite o acesso às benesses, da mesma; entre elas a garantia de perpetuação no poder. Quanto ao reconhecimento por parte da população, isto possibilitava que as relações sociais estabelecidas fossem mantidas. A comunidade cristã de Corinto também estava imersa nestas relações como verificaremos nas cartas paulinas (como por exemplo: 1Cor 1:26-29).

⁴ Sobre as relações estabelecidas entre o Império e suas províncias ver Alcook, 1993: 45-70. E Crossan; Reed, 2007:100-105.



‘Nós’ e ‘eles’, um breve debate sobre os eleitos:

A passagem de 1Cor 1: 1Cor 22-25, nos apresenta de forma mais explícita um elemento que condicionava as relações das casas igrejas: honra e vergonha. Tal fato é verificável, à medida que afirma que havia pessoas de elevado estamento social e sábios. A perícopa 1Cor 3:1-4, ao tocar no tema sobre os tipos de sabedoria (da carne e do espírito), também possibilita perceber estes elementos que acabam por evocar duas categorias: o ‘nós’ e o ‘eles’.

Categorias estas, que vão aparecer no interior da comunidade de ‘eleitos’, mais explicitamente entre os grupos rivais. Mas também se faz presente quando se pensa as casas-igrejas em oposição ao ambiente externo apontado por Paulo como o ‘mundo’ (o Império Romano). Pretendemos, assim, evidenciar a atuação destes mesmos conceitos na comunidade paulina. Entendo que a mesma não estava isolada do mundo romano, mas inserida nele, bem como, dialogando.

Peristiany (1996) ao refletir sobre o conceito honra e vergonha na aldeia cipriota de montanha aborda sobre a fluidez da ideia de identidade. E, por conseguinte na parte administrativa e no poder e papel desempenhado pelas figuras do chefe da aldeia, o padre e o professor. Além disso, o autor afirma que há três categorias sociais com as quais o grego se identifica: a família, a comunidade de origem e a nação. Estes elementos se tornam importantes para nós ao passo que eles se apresentam de certa forma também na comunidade coríntia. Porém, o que é mais impactante é a fluidez da identidade. O simples fato de um indivíduo estar envolvido em relações comerciais com estrangeiros que não favorecesse a comunidade local ou de não seguir a religião ortodoxa, fazia com que o indivíduo se tornasse um estrangeiro.

Um segundo aspecto interessante e que nos aproxima da realidade coríntia é quanto à administração local. Onde o chefe da aldeia, nomeado pelo poder central, tem como principal obrigação servir de ligação entre a autoridade central e os aldeões, tendo como direito uma porcentagem em transações de animais. Os ajudantes do chefe na colaboração dessa ligação recebem honorários quando intervêm em questões extremas.

Para os cipriotas três imagens são de grande destaque: o chefe da aldeia, o padre e o professor. São aqueles que se supõe descenderem pelo lado paterno e materno de famílias conhecidas e respeitadas. Para, além disso, devem conter nobreza,



generosidade, comando e outros elementos ligados com a honra. Perceba que, os valores de honra e vergonha e o conceito de patronagem interagem simultaneamente. Pois, por um lado estes indivíduos estão na função de intermediadores do governo central, por outro são reconhecidos e honrados pelos cipriotas por provirem de famílias proeminentes e serem vistos pelos aldeões com aspectos positivos.

Neste sentido, o primeiro elemento que nos é interessante ao passo que ilustra que as interações entre diferentes grupos sociais no meio onde não há demarcações consistentes do que é o ‘nós’ e o ‘eles’ nos leva a uma categorização dúbia. Este impasse em categorizar os membros das casas-igrejas e, conseqüentemente, frear as rivalidades internas. Tal ideia fica evidente em 1Cor 22-25:

22. Os judeus pedem sinais, e os gregos andam em busca de sabedoria; 23. nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, que para os judeus é escândalo, para os gentios é loucura, 24. mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. 25. Pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens, e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.

Ao compararmos a aldeia cipriota com a comunidade cristã coríntia, não só percebemos a proximidade entre as duas, bem como, a continuidade destas lógicas mediterrânicas em regiões periféricas. E a importância que se tem em reforçar o elemento tido como integrador destes grupos. Na aldeia cipriota a religião ortodoxa, responsável por guarnecer os valores e costumes do ‘ser grego’. No caso da comunidade cristã coríntia, Cristo e a cruz.

Quanto as figuras do padre, do chefe e do professor na aldeia estudada por Peristiany nos permitem importantes comparações, também para com nosso objeto. O primeiro deles é o choque estabelecido entre o poder provindo dos dons e poder provindo da condição social do indivíduo. O padre, o professor e o chefe da aldeia eram pessoas que contavam com dois elementos para legitimar sua autoridade. O primeiro deles que eram obrigatoriamente pessoas providas de famílias proeminentes e dotados de posturas honrosas. O segundo elemento é que representavam poderes centrais. O que fazia com que sua posição fosse reconhecida tanto pelo meio local como pelo poder central.



Na comunidade paulina estas relações também se fazem presentes. Pois, segundo Paulo, há pessoas dizendo, em 1Cor 1:12: “12. Explico-me: cada um de vós diz: "Eu sou de Paulo!", ou "Eu sou de Apolo!", ou "Eu sou de Cefas!" ou "Eu sou de Cristo!"”

Isto significa dizer que Paulo, Apolo, Cefas e Cristo eram nomes automaticamente reconhecidos e honrados no interior das casas-igrejas; bem como patronos. Inserindo-se nas relações de ligação, aqui no caso não ao imperador, mas a Jesus Cristo. No entanto, afirmamos que alguns destes poderiam ser intermediadores também do imperador. Por entendermos que haviam pessoas de elevados estamentos sociais no interior da comunidade que poderiam estar patrocinando algumas lideranças, detendo conseqüentemente influências (FITZMYER: 2008:138).

Paulo, porém, busca legitimar a sua autoridade não por ser patrocinado por algum indivíduo proeminente da Corinto Romana que agregue a comunidade. Mas, acaba tendo seu poder legitimado por ser apóstolo de Jesus Cristo, 1 Cor 15:8-9: “8. Em último lugar, apareceu também a mim como a um abortivo. 9. Pois sou o menor dos apóstolos, nem sou digno de ser chamado apóstolo, porque persegui a Igreja de Deus.”

O choque entre estas lideranças que ancoravam o seu poder por serem oriundos de famílias proeminentes de Corinto e seu conseqüente reconhecimento local e as lideranças que se apoiavam num poder de provinha dos dons do Espírito e o seu reconhecimento local, estava justamente no patrono máximo (imperador) a qual estavam vinculados. Todavia, sofreram alguns rearranjos. Rearranjos estes que resultaram nas tensões no interior desta comunidade paulina.

No rearranjo proposto por Paulo, ele reconhece a autoridade de figuras como Apolo que era reconhecido localmente. Porém, adota uma postura análoga ao do Império Romano, ao tentar subordiná-lo a ele Paulo e ao seu senhor Jesus Cristo.⁵ A ideia fica expressa em 1 Cor 3:5-6: “5. Quem é, portanto, Apolo? Quem é Paulo? Servidores, pelos quais fostes levados à fé; cada um deles agiu segundo os dons que o Senhor lhe concedeu. Eu plantei; Apolo regou. Mas é Deus quem fazia crescer.”

⁵Para uma análise mais aprofundada sobre uma perspectiva comparada entre o projeto paulino de Reino de Deus e o projeto imperial, ver: Cavalcanti, J. “Há, portanto, muitos membros, mas um só corpo”: uma breve análise sobre o programa paulino de Reino de Deus. In: Revista Jesus Histórico e sua Recepção. Rio de Janeiro, Ano VI, Volume 11. Aceito para publicação.



Hosley (2004:238-247), ao analisar a comunidade coríntia como uma possível sociedade alternativa. Fala-nos da importância que Paulo dava a resolução de divergências entre membros da comunidade entre eles mesmos. Evitando assim, que estas questões fossem levadas a tribunais da cidade. Para além de gerar uma comunidade amplamente autônoma do meio que se insere.

Hosley observa que o que Paulo pretendia é a composição de um microcosmo. Onde o patrono máximo seria Cristo, Paulo o seu servo e protetor desta comunidade cristã. Porém, como dissemos acima, o embate entre os patronos máximos (o imperador e Cristo) e os seus respectivos servos – atuando como protetores destas casas-igrejas – acabavam por gerar essas tensões.

No entanto, 1Cor 15:8-9 nos chama atenção para outro elemento. Elemento este que se refere à autoridade de Paulo quando levada em conta com os outros apóstolos. Pois lembramos aqui, que Paulo se considerava um apóstolo por ter tido uma experiência com Cristo.

Porém, diferente dos demais; ele não conviveu nem muito menos viu Jesus. Na verdade, ele iguala a sua experiência com o convívio que Cefas, Tiago e os doze tiveram. De tal modo que, apesar de ser o ‘abortivo’, sua autoridade e direito de fala em nome de seu patrono era preservada. Preservada, pois para além de Cefas, Tiago, os doze e Paulo compartilharem do mesmo patrono; a autoridade dada a todos estes segundo Paulo seria a mesma. Os colocando num mesmo patamar.⁶

Crossan e Reed (2007:20-30) nos falam um pouco sobre este debate entre Paulo, os doze e o chamado círculo paulino, onde haveria apóstolos, diáconos, mestres e outras funções. O próprio livro de Atos dos apóstolos deixa bem evidente quanto à questão da apostolicidade paulina. Atos reconhece que Paulo foi uma peça-chave no movimento de anúncio, mas não reconhece Paulo como um apóstolo, por justamente não ter estado com Jesus, durante sua vida terrena, nem por ter sido escolhido pelo sorteio na comunidade para tomar o lugar de Judas.

⁶ Isso nos leva a polêmica do apostolado feminino. Pois se Paulo legitimava ser tão apóstolo quanto os doze, Maria Madalena também detinha esta posição. Dado que em Jo 20:18 Maria de Madalena vê Jesus ressuscitado. Para um maior aprofundamento ver CHEVITARESE, 2012:4-5.



Por intermédio de sua experiência com Cristo e o grupo que auxiliava Paulo na propagação do evangelho⁷, ele legitimava que este anúncio não estava restrito ao grupo dos doze. A base de sua afirmação se encontrava justamente na ação do Espírito. Agente este que não só proporcionava uma variedade de dons, bem como, dava autoridade aos membros destas casas-igrejas a operarem e a tomarem posições de liderança. No entanto, não devemos nos iludir em pensar que Paulo entendia todos como iguais, apesar de ser um dos elementos constituintes do seu projeto de *sociedade alternativa*.⁸ Ao mesmo tempo em que ele estava constantemente preocupado em demonstrar outras vozes neste anúncio das ideias de Jesus ele também compreendia que havia uma hierarquia entre os diferentes dons provenientes do Espírito. Em 1 Cor 12: 28-30:

28. E aqueles que Deus estabeleceu na Igreja são, em primeiro lugar, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, doutores ... Vêm, a seguir, os dons dos milagres, das curas, da assistência, do governo e o de falar diversas línguas. 29. Porventura, são todos apóstolos? Todos profetas? Todos doutores? Todos realizam milagres? 30. Todos têm o dom de curas? Todos falam línguas? Todos as interpretam?

Assim, por intermédio do próprio discurso de Paulo para argumentar sua autoridade é possível perceber como é aplicável o conceito de honra e vergonha. Em que se observa que há a disputa entre dois patronos máximos: Cristo e o imperador romano. Fazendo com que houvesse disputas entre as lideranças que tinham como alicerce de seu poder a sua proeminência na cidade e aqueles que detinham dons provenientes do Espírito. E ainda, a existência de disputas entre as próprias lideranças, onde sua autoridade era justificada pelos dons do Espírito.

Desta forma, nas casas-igrejas de Corinto estes elementos também estavam presentes condicionando e expondo as condições sociais dos grupos que compunham esta comunidade em seu cotidiano. Ditando, ainda o comportamento e funções de cada indivíduo e respectivamente de cada nível social. Para que estes possam ser ou não reconhecidos em seus microcosmos.

⁷O termo evangelho aqui empregado não é não faz nenhuma referência aos livros canônicos de Marcos, Mateus, Lucas e João. Livros estes posteriores ao período estudado. Referimos-nos ao seu sentido *strito sensu* da palavra. Ou seja, uma palavra de origem grega que tem por significado ‘boa nova’.

⁸Aqui se faz uma menção direta ao conceito de sociedade alternativa lançado por Horsley. O termo apenas que exemplificar toda a política de oposição de Paulo ao império ao afirmar que todos eram iguais por conta de Cristo. Ver: HOSLEY, 2011:209.



Conclusão:

No presente artigo buscou-se apresentar de que maneira se dava a estruturação da comunidade paulina de Corinto. Para isto foi fundamental a explanação do conceito de honra e vergonha. Conceito este presente nas sociedades mediterrânicas de forma a ditar suas lógicas comportamentais e estruturais. Os valores de honra e vergonha, como se demonstrou são componentes que independem dos indivíduos. E a manutenção destes deve ser constantemente legitimada.

O que se percebeu no interior das casas-igrejas é que os valores eram perpetuados, mas as argumentações para a legitimação do poder eram muito distintas das apresentadas pelo Império Romano. A esta distinção configurou-se um choque entre os grupos formados: de um lado um grupo que se apoiava nos dons do Espírito e o outro que se apoiava na proeminência gozada na Corinto Romana. Mesmo que no interior da comunidade Paulo e o seu grupo tenham instaurado um novo rearranjo onde o Espírito e os dons provenientes dele seriam o regulamentador e organizador da comunidade, os valores não foram alterados. A necessidade de legitimação constante se fazia necessária.

Desta forma o grupo de eleitos operava uma distinção entre o ‘nós’ e o ‘eles’. Ainda que esta operação fosse fluida e propensa a um reconhecimento ou não por parte dos diferentes grupos no interior da comunidade. A fluidez também se fazia presente quando pensado o grupo de eleitos (os pertencentes às casas-igrejas) e o mundo (o Império Romano). Esta fluidez se fez presente quanto Paulo fala sobre a participação ou não de banquetes e festivais oferecidos na Corinto Romana.

Em outras palavras, as categorias ‘mundo’ e ‘eleitos’, compreendiam duas dimensões a partir do projeto paulino. Onde para pertencer ao grupo dos ‘eleitos’ não bastava apenas estar ou pertencer à comunidade coríntia. A ideia de pertencimento ao grupo dos ‘eleitos’ perpassava também pelo reconhecimento dos indivíduos ao grupo que se legitimava seguir o projeto proposto por Paulo. E este reconhecimento provinha da aceitação da apostolicidade paulina. Bem como, estar agindo segundo o Espírito.

Por fim e não menos importante, este artigo contribui para se refletir sobre o processo de institucionalização já presente nas epístolas autênticas paulinas escritas em meados do século I EC, mas que ganha força em finais do primeiro e início do segundo século até culminar em sua fase decisiva que é quando o cristianismo é elevado à



categoria de religião oficial do Império Romano no século IV. Momento este que em que as lógicas de estruturação já são muito diferentes das expressas aqui na comunidade paulina do século I; onde a preocupação não é mais se distanciar do Império, mas estar atrelado ou em pleno diálogo com o mesmo.

Bibliografia:

Fontes.

Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios, In: *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Editora Paulus, 2010.

Trabalhos Teóricos.

PERISTIANY, J. G. *Honra e Vergonha: Valores das Sociedades Mediterrânicas*. 2ª edição. Tradução de José Cutileiro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbékian, 1988.

SAHLINS, M. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

Textos Específicos.

ALCOCK, Susan E. *Graecia Capta: the landscapes of Roman Greece*. New York: Cambridge University Press, 1993.

BORING, M. Eugene. *The continuing voice of Jesus: Christian prophecy and the gospel tradition*. Louisville: John Knox Press, 1982.

CAVALCANTI, Juliana. “Há, portanto, muitos membros, mas um só corpo”: uma breve análise sobre o programa paulino de Reino de Deus. *Revista Jesus Histórico*, 2013. (No prelo).

CHEVITARESE, André Leonardo. Entre Cícero e Paulo. Um brevíssimo ensaio sobre a epístola a Filemon. In: CHEVITARESE, André Leonardo. *Cristianismos. Questões e debates metodológicos*. Rio de Janeiro: Klínē, 2011.

CHEVITARESE, André Leonardo. Memória e história do relato da Ressurreição de Jesus em Paulo. In: CHEVITARESE, André Leonardo. *Cristianismos. Questões e debates metodológicos*. Rio de Janeiro: Klínē, 2011.

CHEVITARESE, André Leonardo. Narrativas mediterrânicas. A busca por uma metodologia. In: CHEVITARESE, André Leonardo. *Cristianismos. Questões e debates metodológicos*. Rio de Janeiro: Klínē, 2011.



CHEVITARESE, André Leonardo. Maria Madalena no cinema mudo. In: *Revista Jesus Histórico*. Rio de Janeiro: Volume 8, Ano V, 2012.

CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele. *Judaísmo, cristianismo, helenismo. Ensaios sobre interações culturais no Mediterrâneo antigo*. Itu: Ottoni Editora, 2003.

CROSSAN, John D; REED, Jonathan L. *Em busca de Paulo: Como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano*. São Paulo: Paulinas, 2007.

ELLIOTT, Neil. A mensagem antiimperialista da cruz. In: HORSLEY, Richard. Paulo e o império: *religião e poder na sociedade imperial romana*. São Paulo: Paulus, 2004.

ENGELS, Donald. *Roman Corinth: an alternative model for the classical city*. Chicago: University of the Chicago Press, 1990.

FITZMYER, Joseph A. *The Anchor Yale Bible: First Corinthians*. A New Translation with Introduction and Commentary. New Haven: Yale University Press, 2008.

HORSLEY, Richard. Paulo e o império: *religião e poder na sociedade imperial romana*. São Paulo: Paulus, 2004.

MITCHELL Margaret M. Gentile Christiany. In: MITCHELL Margaret M.; YOUNG, Frances M. *The Cambridge History of Christinity*. Volume 1: Origins to Constantine. New York: Cambridge University Press, 2008.

MURPHY-O'CONNOR, Jerome. *St Paul's Corinth: Texts and Archaeology*. Good News Studies 6; Wilmington, DE: Glazier, 1983; 2nd revised and expanded edition, 1992; 3rd revised and expanded edition, 2002.

THEISSEN, Gerd. *The social setting of Pauline Christianity: essay on Corinth*. Oregon: Fortress Press, 1988.